

Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica

Margarita Barrettoⁱⁱ

Univ. Regional de Blumenau – Univ. Federal de Santa Catarina (Brasil)

Resumo: Este estudo objetiva sistematizar as várias interfaces entre turismo e migrações, buscando contribuir com a teoria turística a partir dos estudos da mobilidade. É uma primeira tentativa de abordar o tema, que parte de três afirmações factuais; a primeira, que turismo e migrações são duas manifestações de um fenômeno maior, qual seja o da mobilidade ou deslocamento geográfico que inclusive compartilham motivações e objetivos; a segunda, que a mobilidade é um fenômeno crescente; a terceira, que as tecnologias relacionadas à comunicação e a informação propiciam maior mobilidade.

Palavras-chave: Turismo; Migrações; Sociedade; Cultura.

Abstract: This paper aims to register some interfaces between tourism and migrations as a contribution to tourism theory grounded on studies on mobility. In this first approach, the author begins with three factual statements: first, tourism and migration are two sides of a greater social phenomenon- mobility or geographical displacement- which share motivations and objectives; second, that mobility is a growing phenomenon; third that new information and communication technologies help mobility..

Keywords: Tourism; Migrations; Society; Culture

ⁱⁱ • Margarita Barretto é Doutora em Educação, com ênfase em Ciências Sociais Aplicadas e Bacharel em Turismo. Docente da FURB-Fundação Universidade Regional de Blumenau e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura da UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina Editora da RBTur- Revista Brasileira de Pesquisa e Pós graduação em Turismo. Coordenadora da coleção Turismo da Editora Papyrus e escritora de livros sobre o tema..
E-mail:barretto@floripaturbo.com.br

Conceituação

Os fenômenos estudados, turismo e migrações, apresentam estágios de pesquisa científica diferenciados, o que torna sua análise e comparação tarefas complexas.

O conceito de turismo está ligado, tanto no imaginário popular quanto no âmbito científico, a situações prazerosas, lúdicas, de lazer, diversão e/ou férias.

O de imigração, ao contrário, está representado no imaginário popular como uma experiência de sofrimento, desenraizamento, luta, pobreza, privação.

No entanto, trata-se de fenômenos que incluem deslocamento no espaço, mudança de lugar de residência e muitas vezes, obedecem ao desejo de evasão.

Há consenso de que as migrações constituem fenômenos sociais totais, que precisam do concurso de muitas disciplinas que dêem conta tanto dos processos emigratórios quanto dos imigratórios (Sayad, 1992), consenso que também começa a se perfilar nos estudos de turismo.

Muitas pessoas percebem ou vivenciam a continuidade entre um e outro fenômeno. Em pesquisa realizada para sua tese de doutorado, (Barretto, 1998) esta pesquisadora estudou casos de uruguaios residentes numa cidade do interior paulista, comprovando que muitos deles não se auto identificavam como “imigrantes”. Todos os entrevistados realizavam viagens freqüentes para ver suas famílias no país de origem, e mantinham uma comunicação constante por internet e telefone. Muitos inclusive tinham começado sua trajetória como residentes no Brasil, na condição de turistas: a partir de uma viagem turística, apaixonaram-se pelo país ou pela cidade, e decidiram morar nela.

Um fato semelhante foi constatado num estudo sobre turismo em Canasvieiras, praia de Florianópolis (Barretto, 2002) onde, embora o assunto não fosse o foco, a evidência empírica mostrou que muitos turistas transformaram-se em residentes, legais ou ilegais.

Os estudos sobre o tema realizados por outros autores, como Hall (2000) Lasch e

Urry, (1994, cap. 10) Rojek e Urry (1997) e fundamentalmente a obra de Kaplan (1996), são indicativos de que a experiência migratória e a experiência turística têm muitos pontos em comum no presente momento histórico. Tampouco deve ser coincidência que um dos primeiros sociólogos a estudar turismo, Emmanuel de Kadt, está no momento defendendo o direito dos imigrantes a manterem suas respectivas culturas de origem nos lugares que escolheram para residir (de Kadt e Williams, 2001)

Não obstante, estes estudos têm pouca representatividade dentro do contexto acadêmico mundial. Lash e Urry (1994, p. 254) afirmam que há pouca pesquisa sobre a mobilidade, que se evidencia na ausência de uma sociologia da viagem e defendem que se façam estudos da organização social da mobilidade e os efeitos desta na subjetividade das pessoas.

No editorial do primeiro número de uma revista dedicada aos estudos de turismo, os já mencionados Franklin e Crang (2001, p. 11) dizem que, o turismo deveria procurar nexos com outras mobilidades, tais como a migração e as diásporas, o que denota a ausência deste tipo de estudos.

A União Internacional de Geografia (IGU), a través do Grupo de Estudos em Geografia do Turismo Sustentável vem realizando, desde 1998, estudos interdisciplinares sobre as várias interfaces em turismo e migrações: o turismo como uma forma de migração, o turismo gerando migrações e as migrações gerando fluxos turísticos, e relacionando estas com as mudanças sociais, culturais e espaciais e identitárias da atual fase da globalização. Os coordenadores do projeto afirmam que:

O nexo entre o turismo e as migrações representa um território fértil e até agora virgem oferecendo ricas recompensas para os pesquisadores de turismo e migrações. (Hall e Williams, 2002, p. 3)

No Brasil, essa aproximação progressiva entre migrações e turismo, tanto de forma estrutural quanto a partir da percepção dos sujeitos não tem sido trabalhada, ou pelo menos não há publicações que indiquem

que estudos desta natureza estejam sendo realizados.

Pelo contrário, parece haver uma separação bem clara entre aqueles que estudam o tema migrações, que é considerado um “objeto sério” de estudos para a antropologia, a geografia, a demografia e a história, e os estudos de turismo, que são considerados, historicamente dentro da academia, como campo “pouco sério”, havendo até discriminação para com aqueles cientistas que a ele se dedicam.

Em nível mundial, podem ser mencionados os estudos que John Urry desenvolve no Instituto da Mobilidade, da Universidade de Lancaster (Inglaterra) e da Nova Zelândia, onde o geógrafo Michael Hall coordenou durante vários anos, a partir da Universidade de Otago, o Projeto de Pesquisa em Turismo e Migrações.

Turismo e Migrações perante a Lei

Do ponto de vista legal ser turista ou imigrante é, em qualquer parte do mundo, uma questão de vistos.

No Brasil, existem sete tipos de visto concedidos aos estrangeiros, para permanecerem por diferentes períodos de tempo: de trânsito, de turista, temporário, permanente, de cortesia, oficial e diplomático, além de uma condição especial de asilado, reservada às pessoas que sofrem perseguição política e envolve normas de Direito Internacional.¹

Referente ao *visto permanente*, a lei reza que: "Para obter visto permanente o estrangeiro deverá satisfazer as exigências de caráter especial, previstas nas normas de seleção de imigrantes, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Imigração"² (Art. 26, Decreto 86.715) (Oliveira:41, apud Barretto, 1998).

Este tipo de visto deve ser requerido na representação consular do Brasil no país de origem do estrangeiro.

A lei também diz que caso ao estrangeiro portador de visto permanente lhe seja designada uma determinada região para fixar-se, não poderá mudar-se dela a não ser com autorização expressa do Departamento Federal de Justiça.

A observância das leis de contenção da imigração, no entanto, não parece ter sido

muito estrita, conforme pode-se constatar mediante observação empírica

Em outros países, como por exemplo Austrália e Israel, há outro tipo de legislação que permite o trabalho temporário, por exemplo o visto de férias com possibilidade de trabalho (*working holiday visa*)

A Mobilidade geográfica

“A sociedade moderna é uma sociedade em movimento” (Lash e Urry, (1994, p. 252). Com esta afirmação, colocada na primeira frase de um capítulo de um livro, os autores não deixam dúvida quanto a sua visão da importância da categoria mobilidade para a sociedade contemporânea. Esta visão, porém, é relativamente nova dentro da academia, onde até a década anterior prevalecia a visão da mobilidade voluntária como “uma atividade trivial e periférica” (Lash e Urry, 1994, p.257), visão esta estimulada, em grande parte, pelo trabalho seminal de Turner e Ash, o livro *The Golden Hordes* (A horda dourada). Lash e Urry enfocam a mobilidade a partir das possibilidades da tecnologia, que propiciou a compressão do tempo e do espaço, mas não se limitam a ela. Buscam compreender por que as pessoas pensam, na atualidade, “numa escala tão incrível, que as viagens são necessárias, desejáveis e seguras”, afirmando que “as formas rápidas de mobilidade tem tido efeitos radicais na forma em que as pessoas vivenciam o mundo” (Lash e Urry, p. 253- 255)

Para os referidos autores a rápida mobilidade é uma experiência paradigmática do nosso tempo, vinculada ao estágio atual do capitalismo, (que eles definem como desorganizado) e já não se podem estabelecer diferenças claras entre o turismo e outras atividades que envolvem viagens (Lash e Urry, 1994, p. 271)

Poucos anos mais tarde, Urry (2000, p. 49) dará ainda caráter mais central à mobilidade, afirmando que esta “forma e reforma a vida social e a identidade cultural”.

A mobilidade como paradigma da cultura contemporânea está implícita também nas afirmações de Marc Augé quando, analisando a obra de Michel de

Certau, afirma que “o espaço do viajante é o arquétipo do não lugar” (Augé, 1994, p. 81).

Como exemplo de não lugares, cita

as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados meios de transporte (aviões, trens, ônibus) os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer (Augé, 1994, p. 74)

Analisando o comportamento das classes médias altas, dos executivos e profissionais liberais, Lasch (1995, p. 14) afirma que, desde que na atualidade o sucesso está associado à mobilidade, as novas elites estão em constante deslocamento, e diferencia pouco os conceitos de migração e de turismo.

As pessoas ambiciosas compreendem...que um estilo de vida migratório é o preço do sucesso....As novas elites sentem-se à vontade em trânsito...A sua visão de mundo é essencialmente a de um turista.

Kaplan (1986, p. 35) também da um lugar central ao deslocamento quando afirma que este “media a paradoxal relação entre tempo e espaço na modernidade”.

Bauman (1998, p. 103) afirma que “na atualidade, todos vivemos em movimento” e, ainda, que na sociedade de consumo a mobilidade geográfica é um fator de diferenciação social fundamental. ‘O acesso à mobilidade global transformou-se no mais elevado de todos os fatores de estratificação’. (Bauman, 1998, p. 115)

Clifford (1997, p. 25) afirma que, na atualidade, não apenas há indivíduos que viajam, mas que há culturas que são itinerantes. Os produtores culturais deslocam-se pelo mundo, levando sua bagagem simbólica, tornando obsoleto o paradigma da antropologia clássica do nativo fixado à terra.

Franklin e Crang (2001, p. 11) também reconhecem que a mobilidade não é um direito de todos e não acontece para todos da mesma forma,

[...]há tantas lembranças da dor e do terror, tantos obstáculos à mobilidade, associados com migrações forçadas e luta contra a

pobreza e o medo. A mobilidade ainda é um privilégio relativo

Deslocamento, viagem, mobilidade, não importa qual o termo preferido, todos definem um novo estar na sociedade, um estar dinâmico que obriga a novos olhares a partir das ciências sociais.

Fatores coadjuvantes da crescente mobilidade geográfica: cosmopolitismo e TICs

Há uma série de fatores coadjuvantes para a propensão à mobilidade, que poderíamos resumir na idéia de cosmopolitismo. Este vem atrelado, de um lado, à crise do conceito de cidadania política e, de outro, ao desenvolvimento dos transportes e das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

O conceito de cidadania é um estado reconhecido a aqueles que participam plenamente na sua sociedade (Marshall e Bottomore apud Urry, 2000, p. 164). Numa abordagem que tornou-se clássica, Marshall (1967, p. 63) analisou a cidadania política, a civil e a social. A primeira refere-se ao exercício dos direitos e deveres políticos (votar e ser votado, por exemplo), a segunda ao direito de ir e vir, direito à propriedade e a terceira a ter os benefícios de um mínimo de bem estar garantido pelo estado. Na atualidade, outras cidadanias podem ser acrescentadas: a cultural, a das minorias, a cidadania do consumo (cf. Barretto, 2004), a cosmopolita e a da mobilidade (Urry, 2000, p. 167).

Um exemplo de como a cidadania cultural pode ser mais forte do que a política está nos estudos realizados em Porto Rico, considerado “um caso exemplar de transnacionalismo, onde se evidencia “a manutenção de laços sociais, econômicos, culturais e políticos a través das fronteiras nacionais” (Duany, 2002, p. 58)

No final da década de 1980 e início de 90, ao mesmo tempo em que aconteciam as lutas para as independências nacionais na ex-União Soviética, com o ressurgimento de um forte sentimento nacionalista, o mundo se organizava em mercados financeiros globais, viagens internacionais, internet, marcas reconhecidas mundialmente, corporações, conferências mundiais sobre eco-desenvolvimento, todas instâncias que

transcendem o estado nacional, a cidadania nacional e a sociedade civil em nível nacional (Urry, 2000, p. 162) É a convivência de vários comportamentos, característica da sociedade pós moderna.

Parece surgir, no lugar da sociedade nacional, uma sociedade cosmopolita na qual, a pesar de haver uma certa predominância dos países do primeiro mundo, há uma “colonização revertida” em que os países do chamado terceiro mundo influenciam o primeiro.

Estas mudanças estão criando uma sociedade cosmopolita global [...] surgindo de uma forma anárquica, arriscada [...] com influências que se misturam (Giddens, 1995, p. 19)

O cosmopolitismo é uma característica dos indivíduos pós-modernos; Ong (apud Clifford, 1997, p. 257) cita um entrevistado chinês, com negócios em São Francisco que lhe disse que “pode viver em qualquer lugar do mundo, desde que seja perto de um aeroporto”.

Urry (2000, p. 157) afirma que as pessoas “habitam em várias mobilidades” e que podem ser identificados sete tipos de “cidadãos globais” (Falk apud Urry, 2000, p. 172): os capitalistas globais, os reformistas das grandes organizações como a Unesco, os trabalhadores em rede, os cidadãos da terra (ecologistas) os cosmopolitas, (celebridades que vivem viajando) e os anti-ambientalistas.

Do ponto de vista do cosmopolitismo, imigrantes e turistas pertencem a vários mundos, não são mais considerados metades, como eram no passado, mas duplos. Hoje em dia, ser binacional, ou bilíngüe, é um valor agregado à pessoa, que contribui, entre outras, para sua promoção profissional (conf. Featherstone, 1995)

Tampouco o cosmopolitismo é visto como privilégio das classes médias ocidentais. Diferentes circunstâncias determinam diferentes tipos de deslocamento, mas até as culturas transplantadas _e aqui utilizando o conceito de Darcy Ribeiro_, mesmo tendo sofrido terríveis experiências, criaram suas “culturas de diáspora”.

A história da escravidão, só para mencionar um exemplo particularmente violento [...] resultou numa série de culturas negras in-

terconectadas, Afro americanos, afro-caribenhos [...] (Clifford, 1997, p. 36)

É claro que trata-se de diferentes diásporas e de diferentes cosmopolitismos que devem ser estudados em função das condicionantes históricas específicas, para não cair em generalizações.

Os estudos de consumo cultural em diversos países mostram que, nas novas gerações, as identidades se organizam menos em torno dos símbolos da história da pátria e mais pelos de Hollywood ou Benetton (Garcia Canclini, 1995, p. 09)

A globalização da cultura também dá a possibilidade de optar entre bens de múltiplas origens fazendo com que não haja uma fidelidade ao produto de origem local. As pessoas não estão definindo sua identidade pelo consumo de bens da sua própria cultura mas pela possibilidade de consumir os mesmos bens de sua "tribo", de um grupo cultural com o qual se identificam mesmo que à distância. Isso é mais evidente na cultura jovem, que consome o mesmo tipo de música e a mesma marca de roupa em Londres, Tóquio ou Rio de Janeiro.

Os transportes, os meios de comunicação, os esportes, tudo contribui para que cada vez o indivíduo esteja mais integrado no mundo, sentindo que pertence a uma determinada comunidade desterritorializada, à qual o unem interesses comuns que criam, muitas vezes, laços mais fortes do que a proximidade física.

As oportunidades de trabalho podem surgir em qualquer parte do mundo e, desta forma, as pessoas passam a ter família (migrante) dispersa pelo mundo, e amigos, o que realimenta o ciclo do turismo.

A influências das TICs

A compressão do tempo e do espaço é um assunto que foi abordado de vários ângulos por David Harvey nas suas análises econômicas, sociais e políticas da pós-modernidade. Para o autor, esta é uma condição da pós-modernidade que diferencia os processos sociais de outros processos acontecidos no passado.

A intensidade da compressão do tempo e do espaço no capitalismo

ocidental a partir de 1960, com todas as suas incongruências de efemeridade excessiva e fragmentação nos âmbitos político, privado e social, indica um contexto de experiências que torna a condição de pós-modernidade algo especial (Harvey, 1989, p. 306)

Pelo anterior, a migração dos nossos dias é diferente das migrações do início do século passado (e dos anteriores) pelo menos no aspecto do contato com a terra de origem.

Enquanto que, nos primórdios do século XX os migrantes transatlânticos do sul da Europa eram imigrantes para a vida inteira, quem sabe nunca mais podendo retornar a sua terra de origem, o migrante do final do século retorna para visitas com frequência (Cavaco apud Hall e Williams, 2002, p. 32)

Estas mudanças no processo foram possibilitados pelo grande salto das TICs, tecnologias da informação e de comunicação também chamadas tecnologias da inteligência. (Lévy, 1993; Franco, 1997). Por TICs entendem-se aqui meios de comunicação de massa (mídia) e equipamentos de informática. Compreende telefone, fax, telefone celular, televisão, rádio, pb X, internet, etc. que hoje propiciam um contato permanente e em tempo real com o que sucede em todas as partes do mundo. Também compreende os transportes, desde que os trens de alta velocidade e os aviões possibilitam a agilização dos deslocamentos numa escala tampouco vivenciada antes.

Se bem é verdade que o processo de globalização pode ser rastreado até a era dos descobrimentos, nunca houve a possibilidade de experimentar a instantaneidade e a ubiquidade, como é possível no presente momento.

Pela primeira vez a comunicação instantânea é possível de um lado a outro do mundo [...] [isto] altera a própria trama das nossas vidas, igualmente para pobres do que para ricos. (Giddens, 2003, p. 11)

Paul Virilio (1990, p. 136) chegou a temer que estas tecnologias de abolição do espaço conduzissem o mundo à inércia.

Esta instantaneidade não promoveu a inércia mas sim câmbios radicais no comportamento, no próprio conceito de sociedade, de comunidade, de pertencimento, de trabalho e de lazer. Na atualidade pode-se pertencer a uma comunidade virtual, integrada por pessoas de todas partes do mundo, pe-se trabalhar a distância (teletrabalho) e pode-se estudar a distância, entre outras coisas.

Urry (2000, p. 129) elenca as principais mudanças ocasionadas pela instantaneidade: no intercâmbio de informações que permite que todo mundo saiba o que acontece ao mesmo tempo em qualquer parte do mundo; nos âmbitos tecnológico e organizacional, que igualam dia e noite, dias de trabalho e finais de semana, casa e trabalho, casa e entretenimento; a descartabilidade dos produtos, lugares e imagens; a efemeridade das modas, formas de trabalho, idéias e imagens; a 'atemporalidade' dos empregos, carreiras, valores e relações pessoais; a proliferação de novos produtos e a quantidade de desperdício; o aumento dos contratos de trabalho de curto prazo e dos tarefeiros; o mercado internacional de investimentos disponível durante as 24 horas; a oferta de lazer, educação e capacitação em módulos; a crescente disponibilidade de produtos importados em qualquer lugar; aumento dos divórcios; perda da confiança, lealdade e compromisso nas famílias; a sensação de que a vida anda muito depressa; preferências políticas efêmeras

Estudos que aproximam turismo e migrações

Há estudos que comparam turismo com outros tipos de deslocamento. Kaplan compara turismo com exílio (2000, p. 64). Outros intelectuais têm comparado turismo a nomadismo; Bauman diz que o termo nômade não é adequado porque escamoteia as diferenças e estabelece uma distinção bem clara entre as características da viagem turística e as outras viagens realizadas pelas classes subalternas que, por situações políticas ou econômicas, são obrigadas a sair do seu lugar de origem. Para Bauman existem os turistas e os vagabundos, que são os refugiados, os

exilados, os imigrantes clandestinos que ninguém quer aceitar.

Os turistas se deslocam ou permanecem num lugar conforme seus desejos. Abandonam o lugar quando novas oportunidades desconhecidas os chamam de algum lugar.

Os vagabundos sabem que não ficarão muito tempo num lugar por mais que desejem fazê-lo porque não são bem vindos em nenhum lugar. Os turistas deslocam-se porque o mundo a seu alcance (global) é irresistivelmente atraente; os vagabundos, porque o mundo ao seu alcance (local) é insuportavelmente inóspito. (Bau- man, 1998, p. 122)

Esta metáfora do vagabundo tem sido objeto de muitas citações e também de críticas. Para Hall e Williams (2002, p. 278), trata-se de uma simplificação muito grande da questão da mobilidade que apresenta muitas gradações entre um e outro extremo.

Tomando como base fundamentalmente os trabalhos de Urry, Franklin e Crang afirmam que nos estudos de turismo as fronteiras entre “casa” e “fora de casa” estão se tornando difusas.

Cada vez mais trabalhadores de turismo, emigrados e diversos grupos de residência mais o menos permanente estão criando comunidades transnacionais sustentadas pelas redes do turismo. (Franklin e Crang, 2001, p. 12)

Também a fronteira está cada vez mais difusa entre turistas e pessoas que viajam a certos tipos de trabalho, tais como conferencistas, participantes de congressos. (Jokinen e Veijola, 1997, p. 49), e há uma discussão há muitos anos, dentro da academia, sobre a inclusão das viagens de negócios como turismo, que não será abordada neste contexto.

Há outros casos em que ainda é mais difícil estabelecer uma distinção, como, por exemplo, filhos de pais separados que moram em diferentes cidades e que passam uma parte do ano como cada um, ou pessoas que ficam durante longos períodos de tempo fazendo tratamento de saúde (cf. Hall e Williams, 2002 p. 6-7). Nestes dois casos, não há, como no caso das viagens de

negócios, o fator remuneração para distinguir turismo de migração temporária. Se tomarmos a possibilidade de escolha como critério, poder-se ia dizer que o tratamento de saúde não permite escolha, porém, muitas vezes pode-se escolher entre um lugar e outro para fazer o mesmo.

Pode-se também dizer que o turismo constitui uma migração temporária, no caso do turismo de férias em que as pessoas passam longos períodos instalados numa casa, cumprindo algumas das rotinas da população local, tais como ir ao supermercado, contratar serviço doméstico, e muitas outras.

Outros casos em que é muito difícil estabelecer as diferenças entre turistas e migrantes é quando estes últimos retornam a seus lugares de origem para uma visita. Este tipo de deslocamento vem sendo estudado sob a classificação de “Visita a Amigos e Familiares” (VFR tourism). Onde este tipo de turismo foi estudado, verificou-se que responde por altíssimas porcentagens do movimento internacional (Hall e Williams, 2002, p. 39)

Nos estudos sistematizados pelos referidos autores são identificados vários tipos de migração relacionados ao turismo: migração dos aposentados, migração temporária para trabalhar em serviços turísticos (seja como empregado ou como empreendedor), migração de retorno (onde muitas vezes o migrante abre um negócio relacionado ao turismo) (Hall e Williams, 2002, p. 33). No segundo caso, a migração acompanha o movimento turístico; no primeiro, a migração pode acontecer depois de uma ou uma série de visitas de caráter turístico e depois, por sua vez, provoca novas formas de turismo, como a de visitação de parentes e amigos. Também podem ser identificados outros tipos de deslocamentos temporários onde as fronteiras entre turismo e migrações estão difusas: estudantes, empresários e executivos que ficam por períodos definidos para executar tarefas específicas, que podem, (independentemente do status legalmente conferido), ser considerados migrantes temporários ou turistas de mais longa permanência. As migrações dos aposentados são emblemáticas desta mistura entre as fronteiras de turismo e migração (Hall e Williams, 2002, p. 36)

Hall e Williams (2002, p. 9) desenvolvem um modelo sistêmico de ciclos em que os turistas passam a ser trabalhadores temporários, depois residentes permanentes, atraem amigos que os visitam gerando um novo ciclo e finalmente, retornam ao seu lugar de origem.

Jorge Duany identifica processos de migração de retorno e o que ele denomina “migração circular” entre os portorriquenhos que vão aos Estados Unidos, e retornam posteriormente, movidos por um sentimento de identificação com a sua latinidade.

A migração portorriquenha contemporânea parece mais um fluxo circular ou pendular, um movimento de porta giratória e não uma re-alocação unilateral e irreversível de pessoas. (Duany, 2002, p. 60)

Hall e Williams (2002, p. 32) também referem a existência de ciclos de migração e retorno de variada duração e colocam o turismo de visitar parentes e amigos como exemplo da migração circular.

Há autores, como Jozsef Borocz, que definem o turismo como uma migração de lazer (*leisure migration*).

Caren Kaplan, no seu livro “Questions of Travel” fundamenta-se na sua experiência de vida como imigrante e viajante para analisar dentro de um mesmo marco teórico, turismo, migrações, exílio, na modernidade e na pós-modernidade.

Em Israel há uma estreita relação entre turismo e migrações. Há tours para potenciais imigrantes oferecidos pela Agência Judaica; uma das motivações turísticas é verificar “oportunidade de migração, para verificar as perspectivas sócio-econômicas” (Oigenblick, 2002, p. 1092). Ao mesmo tempo, a primeira visita aparece como o fator mais importante para influenciar a decisão de migrar (Oigenblick, 2002, p. 1093). Também o turismo aparece com fundamental para a formação de redes de migrantes e como um contato com a diáspora. (Oigenblick, 2002, p. 1098; Krakover apud Hall e Williams, 2002, p. 17)

Um informe apresentado no por Padilla Dieste (2003, p. 18) afirma, a partir de dados extraídos de vários países de

América Latina, que ‘sob determinadas conjunturas de instabilidade política e econômica, acontecem fluxos turísticos encobertos de turismo’.

Estudos realizados na Espanha com imigrantes chineses, também mostram a passagem de turista para migrante assim como a fronteira difusa entre turismo e migrações ilegais.

Apesar de que a maior parte das entradas ilegais na Espanha acontece por mar em pequenos barcos, a maior parte dos chineses que entra de contrabando o faz através dos aeroportos, com vistos de estudante ou turista, e depois ficam [...] como a indústria turística é uma fonte de divisas importante para o país, é difícil aumentar os controles de entrada e os migrantes que entram como turistas estão cientes disso. (Nieto, 2003, p. 221)

Outros estudos realizados em Andaluzia (província da Espanha) também revelam que apenas 28% dos residentes estão registrados legalmente como tais (Hall e Williams, 2002, p. 8), e que o consulado britânico estima que há dez vezes mais residentes do que o censo revela. Isto muitas vezes obedece ao desejo de não serem enquadrados com obrigações fiscais.

Na atualidade, turismo e migrações têm motivações semelhantes e ocasionam efeitos semelhantes nas sociedades a que se dirigem, seja para uma visita temporária, seja para residir permanentemente.

Do ponto de vista das motivações constituem deslocamentos simbólicos, nos quais está presente, em alguns casos, o desejo de evasão (do cotidiano, no caso dos turistas e de questões estruturais da história de vida da pessoa no caso dos imigrantes) e, em outros, o desejo de auto-realização.

Estudos conduzidos no Havai com turistas e imigrantes dos Estados Unidos, revelam uma tendência a escolher os mesmos destinos, o que sugere que “ambos os grupos podem estar motivados pela mesma atração” (Schmitt, 1968, p. 306)

Os estudos de Julian et al (apud Franklin e Crang, 2001, p. 11) revelam que os refugiados na Austrália declaram que

sua saudade se mistura com uma excitação típica dos turistas, por estar num lugar novo.

A migração de ingleses na Costa del Sol (Espanha) também apresenta relação com o turismo: são migrantes aposentados, migrantes empreendedores e migrantes orientados para o consumo que apresentam comportamentos muito similares aos dos turistas, embora não gostem de ser identificados com eles. (O'Reilly, 2003)

Do ponto de vista dos efeitos sócio culturais nas comunidades receptoras, a chegada de imigrantes ou de turistas provoca especulação imobiliária, alta de preços, inclusão da ou conflito com a cultura do forasteiro e muitas outras (cf. Hall e Williams, 2002, p. 34-35).

Tanto turistas quando imigrantes se defrontam com a questão da alteridade, precisando lidar com a questão da "différence", neologismo que Hall (1996) empresta de Derrida, e define como "um processo de construção da identidade através da diferenciação do outro e da produção de efeitos de fronteira"; também precisam desconstruir estereótipos e rever preconceitos.

Tanto turistas como imigrantes provocam, na população local autóctone, diferentes reações respeito a sua cultura e à sua identidade, que podem ir da xenofobia até a desvalorização da própria cultura frente à do recém chegado.

Se o turismo configura-se como uma das instâncias significativas de organização da sociedade moderna (Franklin e Crang, 2001, p. 7), o mesmo pode ser dito a respeito das migrações, que estão ocasionando mudanças dramáticas, como a latinização de cidades dos Estados Unidos. Outro exemplo pode ser visto nos estudos realizados com bolivianos emigrados para Argentina, que conseguiram, "produzir e inventar uma forte representação simbólica, cultural e formas organizativas e associativas de afinidades bem coesas [...] uma cultura com características e traços próprios no interior da sociedade argentina. (Zalles Cueto, 2002, p. 100)

Também há diferenças que precisam ser levadas em conta. Enquanto a migração estava ligada ao conceito de permanência no início do século XX, no início do século XXI está ligada ao conceito de circulação. A

migração estava relacionada com o permanente, com responsabilidades com trabalho e educação, acompanhada de uma fantasia moderada a respeito do futuro. O turismo, ao contrário estava ligado ao efêmero, à ausência de responsabilidade, à fantasia exacerbada na procura do prazer. Na atualidade, as fronteiras se apresentam cada vez mais difusas.

Referências bibliográficas

- Augè, M.
1994 *Os não lugares*, Campinas, Papirus,
Barretto, Margarita
2004 "Entre los derechos políticos y el consumo: una visión heterodoxa del concepto de ciudadanía". *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. 2(1): 57-74. Disponível em www.pasosonline.org
2002 "Turismo y relaciones internacionales: Un estudio de caso en Canasvieiras, Florianópolis, Brasil". *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 11(1-2): 54-62.
1998 *A imigração como um processo socialmente aprendido*, Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Unicamp.
Bauman, Zygmunt
1998 *La globalización. Consecuencias humanas*. Mexico-Argentina: Fondo de Cultura Económica (FCE).
Borocz, J.
1996 *Leisure Migration*, Oxford: Pergamon Press.
Clifford, James.
1997 *Routes. Travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press.
de kadt, Emanuel; williams, Gavin.
2001 *Sociology and Development*. London: Routledge.
Duany, Jorge
2002 "Nación, migración, identidad. Sobre el transnacionalismo e propósito de Puerto Rico". *Nueva Sociedad*, 178(Marzo/Abril): 56-69.
Featherstone, Mike
1995 *Global Culture: nationalism, globalization and modernity*. London: Sage.
Franco, Marcelo A.
1997 *Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência*. Campinas: Papirus.
Franklin, Adrian e crang, Mike

- 2001 "The trouble with tourism and travel theory?". *Tourist Studies*. 1(1): 5-22.
- Garcia canclini, N.
1995 *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, RJ. UFRJ.
- Giddens, Anthony
2003 *Tunaway World. How globalization is reshaping our lives*. New York: Routledge.
- 1995 "El estructuralismo, el post estructuralismo y la producción de la cultura". In: *La teoría social hoy*. Anthony Giddens, Jonathan Turner y otros. Buenos Aires: Alianza Universitaria. Col. Ciencias Sociales, pp. 254-289
- Harvey, David
1989 *The Condition of Postmodernity*. Cambridge: Basil Blackwell.
- Hall, C. Michael e willams, Allan
2002 *Tourism and Migration: New Relationships between production and consumption*. Dordrecht (Holanda): Kluwer.
- Hall, S.
1996 *Questions of cultural Identity*. London: Sage.
- Jokinen, Eeva e Veijola, Solie
1997 "The disoriented tourist. The figuration of the tourist in contemporary cultural critique". In: *Touring Cultures*. Cris Rojek e John Urry (eds.), London: Routledge, pp. 23-51
- Kaplan, C.
1996 *Questions of travel: postmodern discourses of displacement*. London: Duke University Press.
- Lasch, Christopher
1995 *A rebelião das elites e a traição da democracia*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Lash, Scott e Urry, John
1994 *Economies of signs and space*. London: Sage.
- Lévy, Pierre
1993 *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Marshall, T.H.
1967 *Cidadania, classe social e status*, R.J., Zahar.
- Nieto, Gladys
2003 "The chinese in Spain. International Migration", 41(3): 215-237.
- Oigenblick, Ludmilla & Kirchenbaum, Alan
2002 "Tourism and Migration. Comparing alternative approaches". *Annals of Tourism Research*, 29(4): 1086-1100.
- O'Reilly, Karen
2003 "When is a tourist? The articulation of tourism and migration in Spain's Costa del Sol". *Tourist Studies*, 3(3): 301-317.
- Padilla Dieste, Cristina
2003 "Iberoamérica, nuestro espacio común". Ponencia presentada en el Congreso Iberoamericano sobre Patrimonio Cultural, Desarrollo y Turismo. Morelia.
- Rojek, Cris e John Urry (eds.)
1997 *Touring Cultures*. London: Routledge.
- Sayad, Abdelmalek
1992 "L'imigration ou les paradoxes de l'alterité", Brussels: De Bueck Université.
- Schmitt, Robert
1968 "Travel, tourism and migration". *Demography*. 5(1): 306-310.
- Urry, John
2000 "Sociology beyond societies. Mobilities for the twenty-first century". London: Routledge.
- s/f "Mobile Cultures". Draft. Published by the Department of Sociology, Lancaster University at: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/so030ju.html> Acesso em 27/10/2003.
- Virilio, Paul
1990 *L'inertie polaire*. Paris: Christian Bourgeois Éditeur.
- Zalles Cueto, Alberto
2002 "El enjambramiento cultural de los bolivianos em la Argentina". *Nueva Sociedad*, 178(Marzo/Abril): 89-103.

NOTAS

1 Os vistos temporários podem ser transformados em permanentes, no caso de professores, cientistas ou religiosos, desde que preenchidos certos requisitos. Também existem anistias periódicas que contemplam outras profissões.

2 Este Conselho fora criado pelo Decreto 86.715 de 10/12/1981, Título XII, Art. 142, sendo um "órgão de deliberação coletiva vinculado ao Ministério do Trabalho". O Conselho está integrado por um representante dos Ministérios do Trabalho, da Justiça, das Relações Exteriores, da Agricultura, da Saúde, da Indústria e Comércio, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e um observador do Conselho de Segurança Nacional. As suas atribuições são, entre outras:

-orientar e coordenar as atividades de imigração, formular objetivos para a elaboração da política imigratória; estabelecer normas de seleção de imigrantes, visando proporcionar mão-de-obra especializada aos vários setores da economia nacional e à captação de recursos para setores específicos; promover ou fomentar estudo de problemas relativos à imigração; definir as regiões em que os imigrantes podem fixar-se; efetuar o levantamento periódico das necessidades de mão-de-obra estrangeira qualificada, para admissão em caráter permanente ou temporário.

Recibido: 12 de octubre de 2008

Reenviado: 17 de noviembre de 2008

Aceptado: 21 de diciembre de 2008

Sometido a evaluación por pares anónimos